

*The Book of  
Common Prayer*

*The  
Book of  
Common  
Prayer*

Rvmo. Charles Edward Cheney, D.D.

# O LIVRO DE ORAÇÃO COMUM

TRADUCIDO POR Cláudio J. A. Rodrigues

Dentre as características externas da Igreja Episcopal Reformada nenhuma chama mais atenção do que o fato de que nós adoramos com uma liturgia ou forma pré-composta de devoção. Assim como alguma característica de um rosto é mais rapidamente percebida do que uma outra mais importante e vital do caráter, nosso livro de oração faz com que se adore mais prontamente, prendendo mais a atenção do que nossos princípios doutrinários.

Por quatrocentos anos uma controvérsia tem agitado as Igrejas Protestantes com respeito às formas fixas de oração. Mas por mais antiga que seja a discussão, ela ainda não acabou. Ainda hoje é uma questão viva. Como muitos outros pontos debatidos, ela nem sempre foi discutida com uma mente aberta ou com temperança cristã. Que possa a nossa característica de moderação e sinceridade levá-la em consideração.

## **I. PORQUE OS EPISCOPAIS REFORMADOS EMPREGAM UM LIVRO DE ORAÇÃO NA ADORAÇÃO PÚBLICA?**

A rocha sobre a qual o Protestante constrói é unicamente a Palavra de Deus. Devemos nos submeter a este teste supremo. Daí se uma liturgia empregada na adoração pública é claramente inconsistente com a Bíblia, quanto mais rapidamente nós a rejeitarmos melhor.

Mesmo que dermos só uma rápida olhadela na história passada do povo de Deus, certamente alguma luz será lançada sobre a debatida questão da adoração litúrgica. Quando Deus libertou Israel através do Mar Vermelho, o povo resgatado engajou-se num solene ato de adoração. Moisés e os homens de Israel cantaram uma canção de ação de graças (Ex 15). Miriã e as mulheres tomaram o estribilho das mesmas palavras cantando-as responsoriamente. É difícil ver como tal adoração poderia ter sido conduzida sem alguma forma pré-arranjada.

Novamente, no sexto capítulo do Livro de Números Deus fala a Moisés e dá-lhe esta direção, "Fala a Aarão e a seus filhos, dizendo, Com este conselho abençoareis aos filhos de Israel, dizendo-lhes..." em

seguida dá-se uma elaborada benção da qual cada palavra é pré-composta e pré-escrita.

No décimo capítulo do mesmo livro Moisés é descrito como que utilizando-se de uma forma fixa de palavras sempre que a Arca de Deus é levada diante do povo e sempre que repousa de sua marcha.

Quatrocentos anos mais tarde nós encontramos Davi se utilizando de uma forma de adoração quando a Arca, após um longo cativeiro, é trazida à Jerusalém (Sl 68.132).

Quando Salomão ofertou sua solene oração na dedicação do Templo ele usou uma linguagem própria preparada e escrita por seu pai, Davi, na geração precedente (compare 2 Cr 6.41 com Sl 132.8-9).

Mas porque voltamos a um período tão remoto? Jesus deu duas vezes mais a seus discípulos ao que nós chamamos de a Oração do Senhor. Isto foi em resposta a seus apelos, "Ensina-nos a orar, como também João ensinou a seus discípulos."

Ninguém crê que os judeus que seguiram a Cristo fossem estranhos ao ato da oração. Eles claramente queriam dizer que João Batista ensinara seus discípulos algumas formas de súplicas adotadas às

suas necessidades sob seu estágio preparatório do Reino de Deus. Agora os seguidores de Cristo pedem uma forma de oração que deverá ser um avanço sobre a de João — uma oração caracteristicamente cristã. E o Senhor aceitou a este pedido. Ele não somente disse, “Orai assim” (Mt 6. 9), mas também, “Quando orardes, dizei” (Lc 11. 2) — desse modo, deu-lhes uma forma litúrgica. Certamente nós não precisamos de evidência mais forte de que uma forma não está em desarmonia ou com o Antigo ou com o Novo Testamento.

Contudo, uma outra razão impele aos Episcopais Reformados. Uma forma responsória de adoração é um protesto contínuo contra um ministério e sacerdócio monopolizante do serviço público de Deus. É um modo fácil de livra-se de todo cuidado de assinar a uma “procuração” pela qual uma pessoa despoja-se de seus próprios direitos pessoais e transfere sua individualidade a outros.

Este ato na esfera da religião constitui a idéia da Igreja Católica Romana. Onde os direitos, responsabilidades e deveres do leigo são transferidos para o padre. Toda a adoração religiosa centra-se na celebração da Missa. Não é necessário que alguém além do padre deva estar presente. As pessoas não tem a necessidade de participar.

Quando a Reforma chegou, seus líderes foram rápidos em ver que um dos meios mais efetivos de assegurar aos leigos um lugar de reconhecimento na Igreja era com a utilização de uma liturgia responsória.

Lutero preparou uma forma de adoração para a Alemanha. Os Morávios possuem e utilizam hoje um livro de serviço datado de antes de 1632. Calvino esteve entre os primeiros a perceber a importância de um livro de oração comum e ele mesmo concedeu uma liturgia para as igrejas da Suíça. Mesmo os Presbiterianos da Escócia nos dias da Reforma não abandonaram completamente os princípios de um modo pré-arranjado de adoração pública.

Na Inglaterra um livro de oração escriturístico foi preparado para ser o primeiro passo de conceder ao leigo seus direitos cristãos. Cranmer e seus cooperadores chamados para ajudar às grandes luzes da Reforma em outras terras, com sua ajuda estabeleceram-se na Inglaterra os profundos fundamentos da adoração litúrgica. Contudo, em cada caso o princípio subjacente e a motivação foram os mesmos. Foi a convicção de que nada mais pode guardar os direitos do cristão leigo contra a usurpação sacerdotal como uma forma de adoração

na qual as pessoas possuem necessariamente sua parte.

Além disso, uma liturgia possui um poder doutrinal único. Pode-se sempre se descobrir o ponto de vista doutrinal do homem que faz as orações. Uma oração pré-composta ou extemporânea é como a moeda que leva a imagem e a inscrição da casa da moeda na qual ela foi cunhada. Conseqüentemente a oração é um poderoso mestre de doutrina. A adoração pública numa congregação está continuamente ensinando sobre a falsidade ou a verdade, pois as orações de necessidade extemporâneas mudam com cada alteração na crença daquele que conduz a adoração.

A vantagem mais clara de uma forma pré-composta é de que ela ensina pronta e persistentemente a mesma verdade. E na Igreja Episcopal Reformada o Livro de Oração Comum é um mestre consistente da verdade evangélica — a verdade da Palavra de Deus.

## **II. O QUE É O LIVRO DE ORAÇÃO DA IGREJA EPISCOPAL REFORMADA?**

A impressão que tem sido criada é de que a nossa liturgia é nova, que surgiu de repente no mundo como uma nova descoberta da física nuclear. Se tal

fosse o caso ela teria contra si justamente os cristãos. Pois um livro de oração deve ser o produto de décadas. Há uma reverência no piedoso discípulo de Cristo que o leva a sentir que se ele está para adorar através do uso de formas de oração elas devem ser aquelas nas quais a penitência e o louvor, a esperança e a fé das eras passadas encontraram expressão. Este é o caso do livro de oração dos Episcopais Reformados, um volume baseado no segundo livro de oração de Eduardo VI, obra de mártires da Reforma inglesa. A nossa forma de orar é, portanto, antiga, uma parte do que tem sido manuseado desde as primeiras eras do Cristianismo.

Não há nada na linguagem não inspirada que desperte mais a alma que o antigo hino Te Deum que começa com as palavras, "Nós Te louvamos, ó Deus, reconhecemos-Te como o Senhor." Ele nos leva de volta aos dias quando os Cristãos, expulsos da superfície da terra encontravam-se nas galerias das catacumbas para a adoração. Foi este hino cristão o primeiro a ser ouvido no solo deste continente, quando Colombo dobrou seus joelhos e nas palavras do Te Deum louvou a Deus pelo novo mundo.

No Glória in Excelsis, as palavras de abertura são as que foram cantadas pelo coro angélico quando

Cristo nasceu, ele tem elevado o louvor dos crentes por pelo menos mil e duzentos anos. O Credo dos Apóstolos possui o perfil da doutrina cristã aceita e repetida na adoração desde o terceiro século. Nem o Credo Nicênico é de data mais antiga. Originário do ano 325 e posto em sua forma atual meio século mais tarde, seus tons claros e fortes como trombeta proclamam a divindade do Salvador.

A grande maioria de todas as breves orações que se denominam Coletas elevam as súplicas dos crentes aos ouvidos de Deus por mais de doze séculos. Certamente, tal herança, consagrada e santificada pela devoção dos antigos cristãos e perfumada pela memória dos santos na glória, é uma posse que nenhum crente verdadeiro desprezará. Quando Henrique VIII por razões totalmente mundanas rompeu com o Papado, não houve nenhuma tentativa em toda a igreja da Inglaterra de se fazer um serviço público uniforme. Havia diferentes formas ou "usos" como eram chamados, em diferentes dioceses da Inglaterra. Mas, com a morte de Henrique, seu filho, Eduardo VI, ascendeu ao trono. Foi como o jovem Josias que sucedeu à coroa de seu pai idólatra. Em seguida surgiu o que se pode chamar de o primeiro livro de orações da Inglaterra (1549). Uma obra feita por homens educados na Igreja Católica Romana e que

simplesmente abriram pela primeira vez seus olhos para a luz. Eles viam “os homens como árvores que andam”. Não é de se admirar que a liturgia que eles produziram estivesse cheia de falsos ensinamentos nos quais os seus copiladores haviam sido treinados. Não é de se admirar que este primeiro livro de oração de Eduardo VI ensinava que a Ceia do Senhor era um sacrifício, e a Santa Mesa um altar. Não é de se admirar que ele permitia a confissão auricular e orações pelos mortos.

Cranmer e seus associados estavam todo este tempo estudando a Bíblia. Lentamente mas com correção eles entraram na plena luz do Evangelho. Após três anos da publicação do primeiro livro de oração de Eduardo VI eles não podiam utilizá-lo conscienciosamente e em 1552 apareceu o segundo livro de oração de Eduardo VI. Por mais estranho que possa parecer esta liturgia dada à igreja da Inglaterra quando o mundo cristão estava apenas emergindo de sua longa noite de escuridão papal, foi o livro de serviço mais verdadeiramente protestante que a igreja inglesa jamais possuiu. Rejeitou as cerimônias supersticiosas. Expulsou a doutrina da “presença real” no pão e no vinho. Eliminou a palavra “altar” quando aplicada à Mesa do Senhor. Acabou com a confissão auricular. E ao serviço da comunhão acrescentou uma nota, que

apareceu substancialmente no livro de oração da Igreja Episcopal Reformada, que explica que quando nos ajoelhamos para a comunhão isto não significa um ato de adoração aos elementos da Ceia, a saber, o pão e o vinho.

Nada mais do que uma menção pode ser feita quanto às últimas alternâncias do livro de oração na Igreja da Inglaterra. Em 1559 a Rainha Elizabeth querendo reconciliar os Católicos Romanos em seu reino atacou a nota pré-mencionada. Sob o reinado de Charles II não menos do que seiscentas mudanças foram feitas no livro de oração, cada uma das quais o tornava cada vez menos a liturgia Protestante que Eduardo VI havia legado.

Quando as colônias da América se tornaram uma nação livre, os Episcopais foram dispersados pelo país; sem bispos e sem um livro de oração adaptado às circunstâncias diferentes às quais tinham sido expostos, no ano de 1785 uma convenção de ministros e leigos se deu na Filadélfia para organizar a Igreja Episcopal dos Estados Unidos. Seu presidente foi o venerável William White, posteriormente bispo da Igreja da Pensilvânia. Entre seus delegados leigos estavam homens como John Jay, James Duane, Francis Hopkinson e Charles Pinckney — homens cujos gênios e patriotismo fizeram do período Revolucionário da nossa história

nacional (a dos EUA) uma era de enorme esplendor. esta convenção designou um comitê para revisar o livro de oração de 1785. Este livro de oração, em toda a sua característica peculiar é o único adotado pela Igreja Episcopal Reformada e com o qual nós hoje adoramos. Com suas características notáveis ele voltou à antiga obra da Reforma de 1552 — ou seja, o segundo livro de oração Protestante de Eduardo VI. Deixou de fora toda afirmação de regeneração necessária no batismo, toda sugestão de “presença real” no pão e no vinho na Ceia do Senhor; eliminou a palavra “sacerdote” e a substituiu por “ministro”. Em resumo, era uma liturgia Protestante e evangélica de capa à capa.

Mas antes de 1785 o Dr. Samuel Seabury de Connecticut — um ritualista extremo e eclesiástico — fracassou em assegurar para si a consagração como bispo da Igreja da Inglaterra. Os bispos destas tinham graves dúvidas se ele tinha sido devidamente escolhido para tal ofício. Então Dr. Seabury apelou para a Igreja Episcopal Escocesa para auxiliá-lo. Por esta comunhão semi-romanista, tendo sua eleição secreta na qual nenhum leigo tinha parte, ele foi aceito e foi consagrado como bispo em Aberdeen.

Contudo, a consagração do Dr. Seabury foi concedida pela Igreja Episcopal Escocesa com um

propósito em vista. Ela foi seguida por sua promessa de que ele introduziria no livro de oração Americano a idéia de um sacrifício sacerdotal na Ceia do Senhor. Esta promessa cumpriu à risca. Pois em 1789, quando o livro de oração de 1785 ainda não tinha uso geral, o bispo Seabury usou de sua influência para destruir a obra da primeira convenção da Igreja Episcopal Americana. Uma nova liturgia permitiu que os ensinamentos ritualistas e sacramentalistas do bispo Seabury fossem adotados. Este último com revisões é o livro de oração da Igreja Episcopal Protestante de hoje.

O livro de oração dos Episcopais Reformados, portanto, é a liturgia antiga e original, publicada pela primeira convenção da Igreja Episcopal Americana, e com base no que os seus primeiros bispos eram consagrados.

### **III. COMO OS EPISCOPAIS REFORMADOS DEVEM USAR O SEU LIVRO DE ORAÇÃO?**

Não é necessário dizer que eles devem utilizá-lo inteligentemente. O melhor dos instrumentos pode tornar-se sem valor e até mesmo perigosos, nas mãos de um indouto. O livro de oração precisa ser entendido para que seja um auxílio genuíno na adoração.

Os Episcopais Reformados precisam ser estudantes hábeis de sua liturgia, pois, cristãos sinceros são freqüentemente prejudicados por falta disso. O crente que adora com uma liturgia deveria ser capaz de defendê-la. Ele descobrirá que muitos cristãos sérios mas ignorantes crêem que o livro de oração esteja relacionado ao Papa. O Episcopal poderá ouvir, "você adora com um livro; assim fazem os romanistas."

A resposta é que, você não pode argumentar contra o que é bom na religião, tão somente pelo fato de uma igreja corrupta o empregar. Com o mesmo fundamento poderíamos rejeitar também às doutrina da Expição e da Trindade. E não é verdade que a Igreja Católica Romana tenha qualquer correspondência com o nosso "Livro de Oração". Seus sacerdotes e seus membros possuem livros de serviço diferentes. E qualquer livro que requeira adoração simultânea da parte do clero e dos leigos é algo desconhecido à Igreja Romana.

Também encontramos a objeção de que uma liturgia inevitavelmente produz formalismo. Não é dito um livro de oração torna ao adorador um mero papagaio empregador de frases às quais ele não alcança os significados. Mas este argumento é infantil. Você pode derramar chumbo derretido num molde ou deixá-lo fluir livremente pelo chão.

Contudo, eles ficará duro tanto num caso como no outro. Se um homem perde sua segurança em Cristo e deixa de buscar sinceramente pelo poder do Espírito Santo, haverá frieza e secura espiritual, estagnação e formalidade quer ele ore extemporaneamente, quer com liturgia. Pastores de igrejas não litúrgicas oram sempre do mesmo modo, Domingo após Domingo, mesmo que suas orações não sejam encontradas em nenhum livro.

Pode qualquer boa razão ser dada contra orações pré-compostas que não se apliquem de maneira igual a hinos de oração e louvor pré-compostos?

Bem escreveu o velho John Newton:

Cristo livremente repetirá  
Formas em versos louvará e orará;  
Porque então Cristo deveria supor  
Que formas pecaminosas são quando em prosa eu pôr?  
Crime será dita a forma minha,  
Por querer apenas ser rima?

Ainda mais pela carga de prejuízos que nós atribuímos ao que Cristo proibiu como sendo "vãs repetições". Contudo, o adorador inteligente com o livro de oração não pode esquecer que os Salmos de Davi compostos e utilizados para adoração

pública são marcados precisamente por tais repetições. Nem nosso Senhor censurou a repetição na oração, mas sim as “vãs” ou a repetição vazia. Naquela terrível noite de sua agonia no horto Ele orou três vezes para que o cálice fosse dele passado “ao dizer” como lemos no Evangelho de Mateus, “as mesmas palavras”. Não precisamos temer ao formalismo quando seguimos Seus passos abençoados. Um uso inteligente do livro de oração prevenirá contra o formalismo da adoração pública pois nenhum Episcopal Reformado pode estudar sua liturgia sem perceber que ela não é um tirano para escravizá-lo, mas um mestre para instruí-lo.

O Episcopal Reformado deve usar o seu livro não somente de maneira inteligente, mas também espiritualmente.

Na adoração, quer seja espontânea, quer seja pré-composta, nós devemos nos entregar com sinceridade à ela. Abaixamos nossas cabeças em oração silenciosa ao entrarmos no santuário. Pedimos para que tal absorção na adoração seja nossa experiência. Mas como nós a cumpriremos? Alguns tem o hábito de deixar a adoração para o seu próximo. Outros respondem ao Saltério mas não tomam parte do Amém ao fim de cada oração.

Do início ao fim do serviço o livro de oração jamais deverá deixar suas mãos, exceto na leitura das Escrituras. Quando você o fecha no hino ou na oração você se permite à tentação de pensamentos errantes ou dá um mau exemplo aos que estão ao seu redor. E não é somente isto, mas nossa postura tem relação com a nossa satisfação espiritual e bênção na adoração. Recostar-se indolentemente enquanto o louvor a Deus é cantado tem apenas um significado, quando a idade ou a enfermidade não o desculpam. Do contrário, significa que não há louvor no coração.

Lembre-se também que as crianças podem ser trinadas à adoração pública em um serviço litúrgico, enquanto elas não podem estar senão onde o cantar dos hinos é extemporâneo. Elas tem o direito ao poder magistral do serviço. O seu modo de ser “linha sobre linha e preceito sobre preceito” pode ser entrelaçado com os primeiros clarões da inteligência infantil. Quando os pais levam os seus filhos à casa de adoração e os guiam no uso da liturgia pelo seu auxílio e exemplo eles aprenderão a cantar com Cristão de todas as épocas,

“Tu és o Rei da Glória, ó Cristo!  
Tu és o Filho eterno do Pai!”



*Você tem permissão de livre uso desse material, e é incentivado a distribuí-lo, desde que sem alteração do conteúdo, em parte ou em todo, em qualquer formato: em blogs e sites, ou distribuidores, pede-se somente que cite o site “Igreja Anglicana Reformada do Brasil” como fonte, bem como o link do site*

<http://igrejaanglicana.com.br>

*Caso você tenha encontrado esse arquivo em sites de downloads de livros, não se preocupe se é legal ou ilegal, nosso material é para livre uso para divulgação de Cristo e do Evangelho, por qualquer meio adquirido, exceto por venda. É vedada a venda desse material.*



<http://igrejaanglicana.com.br>